

• CRIAÇÃO

# EXPLORADORES

**Nelson de Oliveira\***

Escutei um estalo atrás de mim. Depois, o crepitar de passos furtivos. Magda debruçou-se sobre o meu ombro a fim de olhar o que é que eu estava escrevendo. “Que é que você está escrevendo?” Virei-me, quando ninguém esperava que me virasse, e olhei nos seus olhos. “Eu te amo” disse-lhe, cada sílaba parecendo uma bolinha de sabão. Todos os que estavam ao redor da fogueira riram. Como podiam rir, se nem ao menos falavam a minha língua? Nesse continente esquecido pelo Criador o único ser vivo capaz de me entender era Magda, repórter do *Liberation* e minha assistente.

“De que é que estão rindo, negros idiotas?” gritei em indoneojavanês, se é que esse idioma existe. “Estão rindo de você. De quem mais?” “Só porque te disse ‘Eu te amo?’” “Não. Porque seu caderno está pegando fogo.”

O caderno, a jaqueta, as calças, todo o meu corpo pegava fogo. Levantei-me, praguejando contra Deus e o mundo, e corri na direção do lago. “Maldita floresta.” Enquanto atravessava o espesso matagal, abrindo caminho com as próprias mãos, minha roupa ia se desfazendo nos galhos e espinhos. Antes mesmo de chegar ao lago o incêndio já estava completamente dominado. Menos ruim. Voltei nu e furioso. Tirei de dentro da mochila um facão e, jogando terra na fogueira, gritei: “O mangô ibi nagô”. O que na língua deles deve ter significado: “Já passa da meia-noite. Amanhã teremos de caminhar trezentos quilômetros até a aldeia mais próxima. Calem a boca e tratem de dormir, antes que eu lhes corte fora a genitália”.

Em seguida, peguei Magda pela mão e conduzi-a para o interior da minha barraca. Ela acomodou-se dentro do saco de dormir e fez sinal pra que eu fosse me juntar a ela. Um homem é capaz de atravessar o Atlântico a nado, por um momento como este, pensei comigo mesmo. Mas creio que me demorei muito com os meus próprios e impróprios pensamentos, pois assim que entrei no saco minha assistente já ressonava profundamente.

Fora, nenhum ruído. Nem mesmo os pernilongos ousavam nos incomodar. Acabrunhado, não consegui dormir. Doíam-me a cabeça, os ossos. Decidi,

\* Escritor e mestre em Letras pela USP, nascido em Guaira, SP, em 1966. Publicou *Naquela época tínhamos um gato* (contos, 1998), *Subsolo infinito* (romance, 2000) e *Verdades provisórias* (ensaios, 2003), entre outros. Em 2001, organizou a antologia *Geração 90: manuscritos de computador*, e em 2003, *Geração*

*90: os transgressores, com os melhores prosadores brasileiros surgidos no final do século XX*. Dos prêmios que recebeu destacam-se o Casa de las Américas (1995), o da Fundação Cultural da Bahia (1996) e o da APCA (2001).

talvez tão-só para ocupar a mente, pensar um pouco mais no que deveria dizer quando fosse chegado o grande momento: o encontro com Livingstone. Pus-me a ensaiar durante toda a noite:

“Doctor Livingstone, oh! doctor, I’m waiting for this moment for a long time.” Não. Suplicante demais. Melhor não usar o sobrenome. “Doctor, this is a small step for a man but a huge leap for mankind.” Grandiloqüente demais. Melhor com o sobrenome. Vamos lá, tente não parecer demasiadamente tolo. “Doctor Livingstone, that’s the most important moment of my whole life.” Servil demais. Quem o velho pensa que é? Cristovão Colombo?

Magda acordou, o rosto amarrotado de sono: “Durma-se com um barulho desses. Qual é o problema agora?”. “Você. O problema desta vez é você. Não sei onde eu estava com a cabeça quando concordei em sair à procura do velhote. Por que não tentamos descobrir coisa que o valha? A nascente do Nilo, por exemplo. Já lhe disse isso um milhão de vezes.” “Não sou obrigada a ficar ouvindo tais absurdos. Fica com o seu saco de dormir. Vou pra minha barraca.” Empurrou-me de lado e saiu. Pouco depois, antes que eu tivesse tempo de fechar o zíper da entrada, ei-la de volta, apenas cabeça e sorriso: “Mais uma coisa: vista-se. Carbonizada, sua bunda está mais ridícula do que a de um babuíno”.

Os trezentos quilômetros transformaram-se em mil. Por um erro de leitura dos mapas, sem querer acabamos atravessando o continente de costa a costa. Ao ver o Índico onde deveria, pelos meus cálculos, estar o Atlântico, decidi recuar imediatamente, antes que os carregadores percebessem o engano. A viagem de volta foi dramática. As chuvas e as doenças quase nos levaram à loucura, a trilha teve de ser aberta a golpes de facão e, o pior, durante uma caçada fui atacado por um javali que, apesar de atingido por vários tiros, antes de morrer conseguiu quebrar-me um braço.

Compadecida de minha má sorte, Magda, uma noite, tornou a se oferecer a mim. Todavia, quando eu já estava prestes a possuí-la, meu corpo foi tomado mais uma vez pelo fogo. Em chamas, pulei e corri para fora da barraca.

“Maldição.” Um dos carregadores tentou me ajudar: “O ibi nagô mangô”. Não entendi, mas aceitei como: “Não pragueje, senhor. Só faz aumentar as labaredas”. Afastei-o com um safanão. Como dizer-lhe que não estava praguejando? Como dizer-lhe que por trás dessa simples interjeição escondia-se toda a verdade? Uma maldição ancestral, poderosa, que me fazia queimar sempre que o mais intenso dos desejos principiava a vicejar dentro de mim, pairava sobre a minha cabeça.

De madrugada, como não conseguisse conciliar o sono, sentei numa pedra e me pus a escrever. “O feitiço de um pajé macololo é capaz de perseguir um homem por toda a eternidade. Não se entregue a noites de prazer e luxúria com sua filha, sem antes passar pelos ritos de iniciação da tribo.” O sol começava a despontar. Não existe visão mais bela, em parte alguma, do que a do sol nascendo numa savana africana. “Maldita filha. Malditos ritos.”

Magda surgiu de repente, tirou o diário das minhas mãos e, após ler a última anotação, jogou-o na minha cara: “Cafajeste. Você me disse que eu era a primeira. Sacana mentiroso, com a tua própria filha?!”.

Magda e eu levávamos conosco, além de viveres, barracas, cobertores, medicamentos, armas, munição, barcos, tecidos e peles – estes últimos para negociar com os indígenas –, e uma boa garrafa de champanhe. Esperávamos brindar com Livingstone assim que o encontrássemos. Apesar de completamente perdidos, algo nos confortava: a notícia de que um velho homem branco estaria vivendo numa pequena aldeia do Tanganica. Depois de enfrentar duas tribos de traficantes de escravos e uma rebelião dos carregadores, vimo-nos com apenas vinte e seis homens. Avançamos, subindo pelo rio Zambeze, cruzando o lago Niassa e contornando as cataratas Vitória. Próximo às muralhas da China, retrocedemos.

Na pequena aldeia do Tanganica, um homem muito velho, de aparência doentia, veio ao nosso encontro. Parecia ser europeu, como nós. Veio cheio de excitação, apoiado numa muleta. Saudei-o efusivamente: “Doctor Livingstone, I presume?”. Meus carregadores caíram na risada. Instintivamente apalpei minhas roupas. “Por que riem, esses idiotas, se nem ao menos estou em chamas?”

O velhote, cheirando tão mal que nos obrigava a tapar o nariz, não ligou nem para as risadas nem para o meu inglês claudicante. Compreendendo apenas o nome “Livingstone”, apertou minha mão e começou a chorar. Entre lágrimas, falou-me, creio que em protocântabro-pirenaico, ou em sinolígure, se é que tais línguas existem: “Ö nagô ibi mangô”. Puxei Magda pelo braço: “Consegue entender o que ele diz?”. “Um pouco. Creio que ele...” O velhote, para nossa surpresa, interrompeu-a, abandonou a muleta e se dirigiu a mim, escandindo as sílabas como a própria rainha Elisabeth II não teria feito: “Sinto dizer isso, mas há dois meses nosso estimado doutor Livingstone, se me perdoam o eufemismo, foi desta pra melhor”.

“Grande notícia! Morto, e há dois meses!” Chutei poeira em todas as direções. Mordi as próprias mãos, já que não podia morder as de meu interlocutor. “Idiota, idiota, idiota. Sou a maior das cavalgadas. Algo me dizia que estávamos perdendo o nosso tempo.”

Magda, na certa para contornar a situação, perguntou-lhe se ele ou alguém de sua gente já havia visto, ou ouvido falar sobre o caudaloso rio de águas escuras dos egípcios. Quinhentos quilômetros ao norte, foi o que o velhote nos disse. Partimos no dia seguinte.

Um dos carregadores – acho que o mesmo que havia tentado me ajudar, quando do último incêndio –, aproximou-se, puxou a minha manga e me fez uma pergunta. Não entendi patavina. Magda ouviu pacientemente o que o carregador tinha a nos dizer. Em seguida, me explicou: “Ele quer saber por que tanto trabalho pra se descobrir um rio, que nada mais é do que um pouco de água em movimento?”.

Os quinhentos quilômetros transformaram-se em dois mil. Por um erro de leitura dos mapas, acabamos atravessando novamente o continente. Ao ver o Índico onde deveria estar o Atlântico, decidi recuar antes que os carregadores percebessem. A viagem de volta foi, como da vez anterior, dramática. As chuvas e as doenças quase nos levaram à loucura, a trilha teve de ser aberta a golpes de facão e durante uma caçada fui atacado por guaxinins, que, apesar de atingidos por vários tiros, antes de morrer conseguiram quebrar-me uma perna.